

caminho da escola

educação, arquitetura e intercâmbios acadêmicos

Angelo Bucci
2017

O educador [Anísio Teixeira]

No fundo do poço. Foi lá, como se tivesse sido uma queda acidental no fosso do elevador de um prédio no Rio de Janeiro, que se encontrou o corpo do maior expoente da educação no Brasil. Era 1971, Anísio Teixeira faria setenta e um anos ainda naquele ano. A cena representa num ato de teatro trágico o prenúncio do quadro de desmantelamento da educação pública que se consumaria nos anos seguintes.

As circunstâncias da morte de Anísio Teixeira ainda seguem a espera de esclarecimentos. A versão oficial nunca coincidiu com a percepção da família e dos amigos mais próximos. O fato só viria à luz de modo mais amplo e consistente no ano de 2012, quando da abertura dos trabalhos da Comissão Nacional da Verdade, CNV. Naquele ano, em 6 de novembro, o memorial circunstanciado com onze páginas sobre o caso foi encaminhado a Gilson Dipp, então coordenador da CNV, pleiteando a apuração. O memorial — subscrito por Carlos Antonio Ferreira Teixeira, filho de Anísio Teixeira, Haroldo Borges Rodrigues Lima, sobrinho-neto, e João Augusto de Lima Rocha, organizador do livro “Anísio em Movimento” publicado 1990 e republicado pela editora do Senado em 2002 — expõe a cronologia dos fatos ocorridos naquele ano de 1971 entre os dias 11 de março, data do seu desaparecimento, e 14 de março, data do seu sepultamento, demonstrando diversas contradições e incongruências na versão oficial. Além disso, exhibe a cobertura da imprensa, que, já na época, colocava em dúvida a hipótese de acidente. Os autores daquele memorial, pelos motivos que expõem, creem na possibilidade de morte sob tortura. Para eles, o corpo teria sido depositado no fosso do elevador do edifício à avenida Rui Barbosa, Botafogo, para dissimular o crime. Os elementos principais em que eles apoiam a sua hipótese são os seguintes: [1] não há registro, ou testemunha que tivesse visto, Anísio Teixeira chegar no prédio onde teria se acidentado, pela versão oficial, no dia 11 de março; [2] o informe, que teria sido feito pelo General Sizen Sarmento, de que Anísio estivesse detido, no dia 12 de março que é o dia seguinte ao suposto acidente, na aeronáutica para averiguações; [3] que o corpo tivesse sido retirado do fosso antes de qualquer perícia; [4] que o corpo não poderia ter atravessado por entre as vigas logo acima do fundo do poço onde teria sido encontrado; [5] três testemunhas estiveram presentes à autópsia — Afrânio Coutinho, acadêmico, e Domingos de Paula e Francisco Duarte Guimarães Neto, ambos anatomopatologistas — e relatam que o legista descrevia as lesões como incompatíveis com a hipótese de queda; [6] outros três médicos, que não assistiram a autópsia mas estiveram na sala de necropsia enquanto o corpo ainda estava lá — Francisco Duarte Guimarães Neto, Djalma Chastinet Contreiras e Fernando Sepúlveda corroboram a versão de assassinato. O caso mereceu destacada atenção nos trabalhos e publicação final da CNV [capítulo 2, item F, páginas 79 e 80]. Contudo, os resultados não puderam ser conclusivos, pois diante da falta do laudo de necropsia, a CNV solicitou a exumação dos restos mortais e seu exame pelo Instituto de Medicina Legal do Distrito Federal, o que não foi feito até a data limite para ações da CNV estipulada em dezembro de 2014. O fato é que até hoje não se sabe exatamente como Anísio Teixeira morreu.

Voltemos à vida do educador que é o assunto aqui.

Natural de Caetité, quinhentos quilômetros a oeste de Ilhéu na Bahia, Anísio Teixeira se formou em direito na Universidade Federal do Rio de Janeiro e logo em seguida, 1924, tornou-se Secretário — Inspetor Geral — de Ensino do Estado da Bahia. Em 1925, viajou à Europa para conhecer o sistema de educação pública

francesa. Em 1927, com o mesmo propósito, visitou os Estados Unidos. Dois anos mais tarde, em 1929, voltaria ao território norte americano para se graduar como Master of Arts pela Universidade Columbia em Nova York. Naquele período, ele conheceu John Dewey, o ilustre filósofo e professor na Columbia, e, muito provavelmente através do próprio Dewey, inteirou-se do sistema das escolas públicas que então se forjava em Detroit, eram as chamadas platoon schools. Com efeito, na década de 1920, o vigor da indústria em Detroit colocava a cidade no centro da cena. No caso, uma cena conturbada, marcada por conflitos de classes, raciais e étnicos. Ali, a construção de um sistema de ensino urbano e público era resultado de lutas por direitos tanto dos trabalhadores, Detroit Federation Labor, quanto de professores, American Federation of Teachers, assim organizados. Combatia-se o trabalho infantil, defendia-se uma educação de qualidade que se considerava emancipadora, debatia-se sobre os gastos públicos com a escola, discutiam-se os conteúdos adequados e as atividades educativas; pensava-se sobre o papel da instituição, escola, na sociedade. Estavam atentos às precedências. Seja para recusá-las, como a ward-based education, ou para adotá-las parcialmente, pois sempre de modo crítico, como é o caso da Gary-System de Indiana e o sistema de Chicago. O processo desta construção está ricamente descrito no livro *The Rise and Fall of an Urban School System, Detroit 1907-1981*, Jeffrey Mirel, Michigan Press, 1999. O autor registra inclusive as intersecções do pensamento de John Dewey com a construção do sistema de ensino em Detroit. Há paralelos com conceitos publicados em *The School and Society*, livro que Dewey lançara em 1900. Existem também relações com o Gary-Plan de Indiana, o qual Dewey avaliara positivamente em seu relatório oficial. Ou seja, havia pontos de contato entre o pensamento de Dewey e a formação do sistema de escolas publicas urbanas de Detroit. Ainda que eles não fossem centrais. De todo modo, foi através do filósofo que Anísio Teixeira conheceu o sistema de ensino que marcaria o seu trabalho para o resto da vida.

Por que e como as escolas de Detroit lhe marcaram tanto? Pela força da síntese que ela representava. Sem dúvida, o feito principal daquela experiência histórica foi a síntese alcançada, a tal ponto que era possível compreendê-la num diagrama possível de ser expresso num esquema gráfico. Ainda antes, e independentemente, de ser qualquer edifício. Refiro-me ao diagrama que demonstra com clareza como o sistema proposto respondia muito bem, além das metas de ensino, às demandas econômicas e de eficiência, que eram temas cruciais naquela cidade industrial. A estratégia dessa síntese ganha força na sua extrema simplicidade: as crianças são divididas em dois grupos numericamente idênticos que se alternam nos espaços de modo a otimizar o uso da estrutura construída, ou seja, dobra-se a ocupação. Note-se, são dois grupos de estudantes, para dois grupos de espaços projetados que correspondem a dois grupos de atividades complementares. Voltaremos ao assunto adiante. O arranjo dos turnos, ou horários, se coadunam perfeitamente com esse mesmo esquema. Daí, aliás, advém a sua grande vantagem, pois as turmas se alternam em diferentes períodos nos mesmos espaços. É justamente porque estão organizadas em grupos que se consagrou o nome platoon. Um batismo insuficiente para tal elaboração. Na verdade, um termo infeliz inclusive pela acepção militar, que acabaria por induzir as críticas da época a uma imagem fácil: regimentos de crianças como pelotões de pobres filhos de operários. Imagem negativa de que os críticos daquele modelo lançavam mão como camuflagem para a sua verdadeira motivação: o conflito de classes. Foi o que se usou para ofuscar as imensas conquistas contidas e toda potencialidade latente naquele desenho nítido para a educação pública urbana. Foi desse modo que se acabou por impedir a adoção do mesmo sistema em Nova York.

Evidente, Anísio Teixeira não se alinhava àquelas críticas. Ao contrário, apegava-se às potencialidades que via naquele sistema como um motor para as suas próprias respostas adequadas ao contexto brasileiro. Com efeito, ele se dedicaria a isso até o final da vida.

A sua relação com aquela universidade americana não fora casual ou episódica. Se, por um lado, o pragmatismo de John Dewey teve grande impacto na sua formação, por outro lado, o trabalho do educador brasileiro não passaria despercebido à instituição. Tanto que, em 1963, ele receberia a Medalha de Honra da Universidade Columbia e logo no ano seguinte, após ter sido cassado como reitor da Universidade de Brasília, lecionaria como professor visitante na mesma universidade americana.

O arquiteto [Hélio Duarte]

Em 1973, ainda sob o impacto do choque da morte de Anísio Teixeira e ainda sob o peso imobilizador do mesmo contexto político, Hélio Duarte decidiu publicar “Escolas Classe - Escola Parque”. O livro é uma notável homenagem ao educador — reeditada em 2009 sob organização de André Takiya, traz o excelente ensaio de Hugo Segawa e a entrevista concedida por Hélio Duarte a Euler Sandeville em 1985 — cuja morte Hélio Duarte creditava a um infeliz acidente, como declarou naquela entrevista.

Hélio Duarte nasceu no Rio de Janeiro, em 1906, formou-se na Escola de Belas Artes na mesma cidade em 1930. Em 1935, transfere-se à Salvador, Bahia. Em 1944, muda-se para São Paulo. Embora seu percurso geográfico brasileiro seja quase oposto ao de Anísio Teixeira, eles se encontrariam.

Helio Duarte já estava em São Paulo quando, junto com Diógenes Rebouças, elaborou o projeto do Centro Popular de Educação — Escola Carneiro Ribeiro — inaugurada em 1950 em Salvador. Àquela altura, na verdade desde o final de 1948, já se firmara o Convênio Escolar entre Município e Estado de São Paulo e ele teve uma curta, mas decisiva, participação no Convênio criado para projetar a rede de escolas e equipamentos correlatos. Vale dizer, é precisamente na fundação do Convênio que tem origem o Departamento de Edificações da cidade de São Paulo, EDIF, que herdou aquele escopo inicial — rede escolar e equipamentos correlatos — que logo se expandiria para os edifícios da saúde e daí, a um passo, também os demais edifícios públicos. Além disso, o Convênio Escolar é coincidente, tanto no tempo quanto em muitos de seus atores — é o caso de Eduardo Corona, Roberto Tibau, Oswaldo Corrêa Gonçalves e Ernest Carvalho Mange —, com a fundação da Faculdade de Arquitetura da Universidade de São Paulo, FAUUSP, 1949.

Sim, no cenário da arquitetura em São Paulo, tem-se a impressão de que tudo se definiu naquele lapso de tempo, entre 1948 e 1952, ou, de modo ampliado entre 1943, tomando-se como marco inicial a fundação do IAB, e 1954, tendo como marco a inauguração do Parque do Ibirapuera. Hélio Duarte participou como co-autor do projeto da sede do IAB.

Durante quase cinco anos, período em que esteve no Convênio Escolar até desligar-se em 1952, Helio Duarte assinou diversos projetos. É neste período que ele se aprofunda nos conceitos da educação, sempre guiado por Anísio Teixeira a quem ele chamava simplesmente Dr Rieux em alusão ao personagem-narrador de Albert Camus no romance “A Peste”. Seus projetos guardam uma constante atenção e fidelidade aos princípios trazidos pelo educador, elaborados, a partir das *platoon schools*, na forma de Escolas Classe - Escola Parque. Seu acervo de projetos educacionais é notável e abarca todos os níveis, desde grupo escolar até campus universitário. Em paralelo, sua atividade profissional sempre esteve aliada, desde 1938, com uma destacada carreira acadêmica, em especial como professor da FAUUSP, já na fundação da escola em 1949 até sua aposentadoria em 1977, com um intervalo devido às suas itinerâncias, entre 1953 e 1967, por São Carlos, Ceará, Bahia, Brasília.

O Convênio Escolar surgiu no período de efervescência paulista e foi, como se viu, um evento profícuo com desdobramentos da maior importância. Por outro lado, há temas daquele período que ainda esperam ser melhor compreendidos. Um deles é que o resultado efetivamente implantado pela atividade do Convênio Escolar ficou abaixo do que previa seu plano quinquenal. O encerramento do primeiro quinquênio coincidia com as celebrações do quarto centenário da cidade de São Paulo, 1954. Um episódio a ser estudado a fim de compreender em que medida a construção do Parque do Ibirapuera teve impacto sobre o orçamento previsto para outros edifícios públicos como a rede escolar do convênio.

De todo modo, Hélio Duarte se desligou do convênio em 1952. É possível que ele já carregasse, desde ali, algumas frustrações relativas à defasagem entre aquilo que se previa em projeto face ao que efetivamente se realizou naquela conjuntura econômica, política e administrativa. Outras adversidades viriam, Segawa relata o infortúnio da sua participação na polêmica reabertura da faculdade de arquitetura de Brasília, UNB em 1967, quando lhe coube a ingrata tarefa de reabrir o curso de arquitetura pouco após o seu fechamento pelos eventos e protestos que se seguiram após a cassação, em 1964, do seu terceiro reitor, que era justamente Anísio

Teixeira. Além disso, o seu período final na FAUUSP, embora exiba feitos da maior relevância, parece ter sido marcado pelo isolamento e atmosfera melancólica. Era um momento desalentador para a escola que tinha, no período, professores cassados, alunos perseguidos e funcionava num ambiente hostil às instituições da arquitetura como concursos, debates, exposições, publicações e a própria universidade. Mas, por outro lado, não tem justificativa face a extensão e importância da obra de Hélio Duarte como arquiteto ou professor. Foi assim que, já ao final da sua vida e a julgar pelo tom de desencanto daquela entrevista concedida em 1985, as frustrações ganhavam maior peso em seu perfil.

E, no entanto, é naquele mesmo período, em 1973 quando estava em dedicação exclusiva à FAUUSP, que ele escreve o texto que marca o coroamento da sua carreira de arquiteto-professor. Obra em homenagem a Anísio Teixeira. É um livro da maior importância em que o pensamento do educador ganha extraordinário relevo e especial sentido para o pensamento arquitetônico. Hélio Duarte realiza algo notável, pois ele expõe os pensamentos e estratégias de Anísio Teixeira através de diagramas, que tornam vivível aos olhos de todos o esquema que o educador vislumbrara nas escolas públicas de Detroit. Sem dúvida, Hélio Duarte atinge com todo êxito as suas duas metas para aquela publicação: [1] a homenagem e, principalmente, [2] aproximar as ideias do educador do pensamento arquitetônico. O seu texto permite vislumbrar com clareza como Anísio Teixeira resolve sua equação mais ambiciosa — sim, a grande ambição de um homem generoso e modesto — que era criar as condições para a implantação de um sistema educacional em seu país que garantisse ‘ensino de qualidade acessível para todos’. A precedência de Detroit foi, de fato, crucial para ele. Pois, a partir da divisão dos estudantes em dois grupos conforme adotado nas *platoon schools*, tornou-se possível a sobreposição de duas escolas simultâneas em paralelo: Uma que ‘instruía’ pela tríade ler, escrever e contar, chamada 3 R’s ou *writing, reading and arithmetic*, com um professor em cada sala, *homeroom*. A esta, Anísio chamaria Escolas Classe. A segunda, que ‘educava’ com um programa enriquecido pelas atividades de literatura, geografia, arte, música, trabalhos manuais, ciências domésticas, teatro, atividades físicas; chamada *enriched program* com vários professores específicos para cada assunto ou atividade. A esta segunda Anísio Teixeira chamaria Escola Parque. As duas coisas se combinariam de modo que a cada quatro escolas classes corresponderia uma escola parque, com capacidade para o conjunto total dos alunos das quatro escolas classes. Alternando-se os turnos entre manhã e tarde, todos os espaços estariam em uso durante o dia todo de modo a otimizar ao máximo o uso do equipamento público. Aritmeticamente pensado a partir do número ideal de alunos por sala, 500 alunos por cada escola classe, quatro escolas classe combinadas a uma escola parque, esta com capacidade para 2.000 estudantes. Visão sistêmica.

Nos últimos parágrafos, dedicados a conclusão do livro, emana do texto de Hélio Duarte um tom de desencanto. Muito embora não fosse essa a mensagem que o autor quisesse nos passar. Ao contrário, ele se empenhara visivelmente para terminar com uma mensagem de esperança, e, mesmo assim, não alcança suavizar seu flagrante desalento. Tem-se a impressão de que ele queria, de fato, acreditar no Dr Rieux, o verdadeiro personagem da literatura de Camus, quando o cita ao final da sua conclusão: “Para dizer simplesmente o que se aprende no meio dos flagelos: há nos homens mais coisas a admirar do que a desprezar”. Sim, ele queria sinceramente acreditar, mas não encontrava por onde. Talvez sentisse ali uma impossibilidade similar à que pressentia com relação à versão que ele mesmo propalava para a morte de Anísio Teixeira. Talvez ele mesmo já inferisse que a versão em que queria acreditar não correspondia ao absurdo do fato. E, note-se, àquela altura — tanto quando da publicação do seu livro, em 1973, quanto por ocasião da entrevista concedida, em 1985 — não havia outra versão, exceto para alguém que fosse a tal ponto próximo à família do educador ao ponto que ela pudesse compartilhar as suas fundadas suspeitas.

Que, ao final, o sentimento que prevalecesse na tão profícua vida de Helio Duarte fosse de um frustrante desalento é muito triste. Isso perdurou de tal modo que naquela entrevista de 1985, quando perguntado sobre qual havia sido o resultado das escolas como núcleos de bairros, ele responde numa única palavra: “nada”.

Eis que estaríamos de volta ao fundo do poço.

A Dualidade [que eles representam]

Mas há outro caminho, é este o motivo principal deste texto.

Antes, não há palavras para a brutalidade que se fez contra Anísio Teixeira. Para qualquer que seja o desfecho do trabalho de elucidação sobre as circunstâncias da sua morte. Digo-o como ressalva ao que vem a seguir, que só é dito com o empenho de procurar outro caminho possível e não para mitigar o dolo de um possível crime. Pois quero crer, afinal, que a vida do homem não estivesse toda contida naquele corpo morto. O trabalho de um homem é um legado que encarna, em cada peça, um naco da sua existência. Sendo assim, seria possível refazer — e refazendo se atualiza — a formulação da sua sonhada Escolas Classe – Escola Parque a partir de um simples diagrama registrado por Helio Duarte. Um diagrama daqueles condensa vidas desde a luta dos operários de Detroit. Que se note, não seria possível, ou seria muito mais difícil fazê-lo, sem o trabalho precioso de Hélio Duarte.

Por esse relato, como se vê que Anísio Teixeira e Hélio Duarte atuaram em duo, como se trabalhassem lado a lado. Na perspectiva da FAUUSP é quase possível confundi-los, uma vez que eles se fundem num tipo muito especial de unidade que só existe na coexistência vibrante e complementar de dois componentes indissociáveis: a dualidade. Eis um conceito fundante para esta atividade, tanto assim que a dualidade já se mostra, sem qualquer dúvida, no próprio nome que a define: arqui-tetura. Os dois campos do saber — ciências dos homens e da natureza — se fundem numa só palavra para nomear, e também para fazê-la possível, a atividade de projetar o que constrói o mundo em que se desenrolam as atividades humanas. E a dualidade se apresenta por distintos atores conforme a relevância em cada contexto histórico: arte e técnica, teoria e prática, forma e função, matéria e imagem e assim por diante. No caso dos nossos dois protagonistas, o educador encarna o método — para usar uma dualidade evocada pelo próprio Anísio Teixeira quando, acerca de John Dewey, discorre em sobre como aprendemos—, enquanto o arquiteto, a matéria. O primeiro, como ideia, guarda a potência de estar aberto a diversas materializações possíveis; enquanto a segunda, como fato, tem a beleza de cristalizar, naquilo que constrói, as ideias ou a própria vida. Um que carrega princípios amadurecidos coletivamente e assim tende a ser aceito como um dado, sem exigir a sua contextualização a cada nova circunstância; por isso, aqui, a noção de autoria normalmente não tem a menor relevância. A outra exige uma consideração criteriosa do contexto e conjuntura para que seja passível de realização, nela a autoria é uma noção importante por dois aspectos: pelas responsabilidades intrínsecas e para conferir à matéria uma feição propriamente humana. Atenção: um não existe sem a outra.

De fato, que se possam reencontrar a partir das obras humanas as ideias que a geraram, ainda que seja óbvio demais para ser mencionado, merece ser dito pelas três razões a seguir:

1. A capacidade de se ler num edifício qualquer a vida, ou as ideias, daqueles que o construíram abre a possibilidade de universalização por dois caminhos: [1] porque a ideias cristalizadas que se extrai dali nesse processo afloram vivas e livres das amarras e circunstâncias do contexto em que foram criadas; assim livres, elas podem ganhar outras configurações noutros projetos de edifícios; [2] porque o olho que lê projeta no objeto, edifício, que olha algo do seu próprio universo cultural — Anísio Teixeira lendo as platoon schools é um exemplo, intercâmbios — e assim vê através do objeto outras possíveis proposições. Ou, numa palavra: projeta.
2. O edifício da FAUUSP, cenário da nossa vida cotidiana e também o ambiente em que se desenrola no Brasil o intercâmbio com a UNI Siegen, é o melhor exemplo de como as ideias cristalizadas numa construção podem atravessar décadas de arbitrariedade, como se aguardassem a possibilidade de florescer noutros períodos. Aquele edifício é um excelente exemplo de como uma ideia de ensino pode ganhar maior permanência através de uma arquitetura que possa traduzi-la com clareza e, assim, não se extinguir prematuramente.
3. O caso de EDIF e os Centros de Educacionais Unificados, CEUs, como se verá a seguir, demonstra

como pode ser bem-sucedida essa tarefa cuidadosa de refazer, e atualizar, a partir de resquícios e fragmentos, a ideia sonhada para a educação pública no Brasil. No exemplo em questão, as fontes dessa ‘arqueologia projetiva’ são duas: os edifícios do acervo de EDIF e o livro-homenagem escrito por Helio Duarte.

Alexandre Delijaicov [atividade pública]

Alexandre Delijaicov formou-se arquiteto, em 1985, pela Faculdade de Belas Artes de São Paulo. Em seguida, entre 1986 e 1992, colaborou com Paulo Mendes da Rocha. Em 1992 é aprovado em concurso e inicia sua carreira de servidor na Prefeitura de São Paulo como arquiteto em EDIF. Em paralelo, desenvolve intensa atividade acadêmica. Conquista o título de mestre, 1998, e doutor, 2005, ambos pela FAUUSP, onde ingressa como professor de projeto em 2000. Desde 1992, seu trabalho, como arquiteto projetista, tem sido dedicado exclusivamente a projetos de equipamentos públicos. É também nesse mesmo período, início dos anos 1990, que através do mestrado ele dá início formal e sistemático à pesquisa cujo tema vem desenvolvendo até hoje ininterruptamente: ‘os rios e o desenho da cidade’, tendo São Paulo como caso de estudo e aplicação. Essa pesquisa se desdobrou na proposta do Hidroanel Metropolitano com doutorado sob o título ‘São Paulo, metrópole fluvial: os rios e a arquitetura da cidade’. É um trabalho consagrado pela difusão, inclusive internacional, e pelo interesse que desperta dentro e fora das universidades. Um tema à altura da perseverança do arquiteto. Por um lado, a extensão da pesquisa exige do autor um empenho sobre-humano no que diz respeito à organização de informações e produção das propostas em projetos e, em paralelo, militância pelas causas que lhe são razão e propósito; por outro lado, pelos seus desdobramentos e ramificações que tal extensão permite, abre caminho ao engajamento de inúmeros outros pesquisadores, arquitetos e estudantes que têm na figura do Alexandre Delijaicov um guia confiável e inspiração para os anseios acadêmicos. Em tempo, tal estudo tem merecido atenção das três esferas de governo, ou seja, municipal, estadual e federal. Já no meio acadêmico internacional, tem sido objeto de estudo em Princeton, Harvard, TU Delft, Universidade de Buenos Aires entre outras universidades.

Na figura de Alexandre Delijaicov, método e matéria se fundiram: suas célebres descrições sobre a lógica de distribuição do conjunto de equipamentos públicos na cidade, estado e país, demonstram a visão sistêmica; seu discurso eloquente é defesa do arquiteto público dedicado ao ensino e ao projeto.

O perfil do arquiteto, ainda que descrito apenas sucintamente, é necessário para que se mantenha ao alcance a dimensão do fato que vem a seguir. Pois foi justamente a esse sujeito que, por um lapso de sorte, calhou de vir um plano ambicioso para as escolas na periferia da cidade de São Paulo. Era 2001, durante a gestão da prefeitura de Marta Suplicy e João Sayad seu Secretário das Finanças, o protagonista do episódio, pela prefeitura de São Paulo, foi Fernando Haddad, então subsecretário de finanças. Foi ele quem acreditou em EDIF e criou a oportunidade para que não se perdesse a proposta educacional amadurecida no serviço público desde a criação do Convênio Escolar — que marcou a aproximação entre Anísio Teixeira e Hélio Duarte — dando crédito aos arquitetos daquele departamento público coordenados no projeto em questão por Alexandre Delijaicov. André Takiya — chefe da Seção Técnica de Projetos de Arquitetura e, não por acaso, organizador da reedição do livro de Hélio Duarte — e Wanderley Ariza — então Diretor da Divisão Técnica de Projetos — eram seus colaboradores mais diretos. EDIF respondeu à demanda com uma celeridade que seria impossível não fosse por uma feliz coincidência: as Praças de Equipamentos Sociais estavam amadurecidas e prontas para serem implantadas. Tanto assim que haviam acabado de receber a maquete do projeto produzida pelo mítico Francisco Triviño — o maquetista nascido em 1926 na Espanha e autor de modelos emblemáticos como da proposta de Rino Levi por ocasião do concurso da cidade de Brasília em 1956 —. Era uma configuração que se alinhava bastante bem com os planos de ação daquele governo para a área da educação. Os arquitetos de EDIF puderam demonstrar naquela ocasião como honravam um saber que havia nascido ali e, então, já amadurecido por mais de cinquenta anos. Sim, foi um lapso de sorte, pois aquele encontro, entre Fernando Haddad e Alexandre Delijaicov, foi antecedido e sucedido por tantos encadeamentos de eventos independentes do lado de um e outro, que parece não haver chances que ele volte a se repetir com a mesma efetividade.

Dali, num prazo curtíssimo, desdobraram-se quarenta e cinco projetos de CEUs, sendo que 21 deles foram construídos. A proposta tem nítida relação com conceito de Escolas Classe – Escola Parque, passando pelo notável amadurecimento que lhe foi impresso quando da elaboração do conceito das Praças de Equipamentos, anos 1990, quando a EDIF era dirigida por Mayumi Watanabe Souza Lima, arquiteta e professora. Inclusive professora de Alexandre Delijaicov, em 1982, na Belas Artes.

Importante dizer, na visão dos arquitetos de EDIF o projeto dos CEUs se compõem com uma rica — no sentido de que a cidade inteira já estava posta e em funcionamento — pré-existência. Já não consideravam apenas os equipamentos educacionais, como era escopo inicial do convênio escolar. Ao contrário, levavam em conta o escopo expandido que fora encampado pelo departamento: além de [1] educação e também [2] cultura, [3] esportes, [4] saúde, [5] assistência e promoção social, [6] verde e meio ambiente e [7] segurança urbana, para citar apenas as principais entre as dezessete secretarias municipais. Assim, comparativamente às Escolas Classe – Escola Parque, o programa havia ganhado complexidade numa cidade que se tornara muito mais complexa. Um de seus aspectos mais notáveis é que os CEUs se capilarizariam a partir da estrutura de equipamentos pré-existent. Ou seja, guardadas certas proporções, seria possível a seguinte analogia: as pré-existências cumprem a função das escolas-classe [o instruir ou os três erres de ler, escrever e contar] enquanto os CEUs equivalem à escola-parque [o educar: o situar o sujeito no mundo abrindo-lhe canais de diálogo através do teatro, cinema, orquestra, biblioteca, esportes, acesso à internet; enfim, educar o cidadão]. Lá, nos anos 1940, como aqui, anos 2000, uma coisa — escolas classe ou pré-existências — não existe sem a outra — escolas parque ou CEUs.

Acontece que tais pré-existências, exceto aos olhos treinados dos técnicos de EDIF, tendem a ocupar um campo de invisibilidade. A incapacidade de ver é também tema central, pois nesse caso trata-se de um real que não está esmaecido pela rotina ou pelo hábito. Não, as áreas mais pobres da cidade se tornam invisíveis antes pelo preconceito e pelo desprezo. Perde-se, inclusive, os nomes dos lugares; todos ocultos sob nomes genéricos, como é o caso da palavra periferia usada para revestir sob um mesmo manto de indiferença a maior parte da cidade. O problema é que, se no plano geral, a incapacidade de ver pré-existências induz a equívocos de interpretação: como se fosse possível começar uma cidade nova a todo momento, como se as crianças já não estivessem aí, quase todas de um modo ou de outro, na escola. No plano específico, digo entre os arquitetos dedicados ao projeto, o não ver é muito mais grave, pois incapacita o sujeito no seu ofício. Voltaremos ao tema adiante.

Siegen [intercâmbios]

Maria Aparecida Perez era Secretária de Educação da Prefeitura de São Paulo entre 2001 e 2004. Era ela quem estava à frente da Secretaria no período de implantação dos vinte e um CEUs construídos naquela gestão. Formada em Ciências Sociais na USP, findo seu período no governo, ingressou no programa de doutorado em Pedagogia Social na Universidade de Siegen, Alemanha. Concluiu sua tese “Inclusão Social Através da Educação: um estudo do programa CEU na cidade de São Paulo” no ano de 2010. Seu orientador naquela universidade foi Bernd Fichtner, professor da Faculdade de Educação. Foi assim que a experiência dos CEUs chegou à Siegen com o lastro de vinte e uma unidades construídas e a legitimidade de uma tese de doutorado feita pela própria ex-Secretária de Educação de São Paulo à frente do projeto. Três anos depois, ela propôs um programa de intercâmbio e pesquisa acadêmica com duração de quatro anos entre UNI Siegen e FAUUSP. Alexandre Delijaicov foi o professor responsável pela FAUUSP. Pela Faculdade de Arquitetura da UNI Siegen responde o professor Ulrich Exner. Nesse episódio Bernd Fichtner e Ulrich Exner representam o educador e o arquiteto.

Em todos os aspectos, o arranjo para o intercâmbio não poderia ter sido melhor. Mas nesse processo ainda há pouco a ser narrado. Apenas algumas notas merecem menção. Em primeiro lugar, os riscos. São riscos necessários à uma universidade que se vê como parte de uma estrutura internacional solidária. O primeiro deles, é o risco de abrir-se ao diálogo sem que se possa ter certeza do resultado, pois aqui estamos no

domínio dos meios — segundo John Dewey, os meios são frações dos fins —, portanto o necessário para criar chances de existir com relevância no tempo seguinte. Uma escola, em qualquer nível de educação, estará sempre destinada a apostar seu futuro nos próprios estudantes. Os estudantes de intercâmbio, e muito especialmente no caso de uma escola de arquitetura que dá a oportunidade da interação produtiva, abrem um canal de aceleração dos processos de renovação e atualização das duas instituições envolvidas. O segundo risco reside nos conflitos humanos entre agentes que operam sistemas administrativos em cada instituição. Pois, cada diálogo aberto, nesse formato específico de intercâmbio acadêmico, pressupõe uma sequência de procedimentos burocráticos passíveis de aprovações, liberações de verbas e de todos os compromissos decorrentes. Ou seja, seguramente Ulrich Exner assumiu para si uma batalha; quando decidiu encabeçar pela sua escola o intercâmbio com a FAUUSP. Outros riscos, como uma agenda comprometida com quatro anos de antecedência e todos os incidentes de percurso, são inevitáveis. É notável o entusiasmo de Ulrich Exner com o projeto, isso se depreende facilmente tomando-se como base de medida o nível de interesse de seus estudantes e outros professores daquela escola. É o caso, por exemplo, do professor Götz Stöckmann, responsável por três exposições anuais na UNI Siegen e que já cogita uma delas dedicada a arquitetura brasileira. Sem dúvida, se os meios são frações dos fins, o resultado deste programa de intercâmbio promete honrar a ousadia da proposta de Bernd Fichtner e Maria Aparecida Perez e a generosidade acadêmica de Ulrich Exner e Alexandre Delijaicov. Até o presente momento, graças ao apoio da CAPES e DAAD — instituições de apoio à pesquisa respectivamente no Brasil e Alemanha — além das viagens de professores de uma e outra escola, vinte alunos de Siegen fizeram intercâmbio na FAUUSP, enquanto doze alunos brasileiros fizeram o percurso inverso. São trinta e dois jovens estudantes-arquitetos que, a pretexto do tema da educação pública, são inseridos noutro contexto cultural e experimentam a sensação de estranhamento crucial para a renovação dos dois contextos. De fato, um feito em favor do que está por vir. Para os fins dos quais ainda estamos ainda no estágio de frações, digo à espera das belas proposições que serão lançadas por um ou outro entre esses trinta e dois jovens transformados nalguma medida pela experiência vivida.

De volta ao plano específico dos arquitetos capacitados em seu ofício, aqueles com olhos para as pré-existências, porque é assim que se forma gente que se põe diante de um edifício público, mesmo as ruínas do que fora uma escola, com disposição suficiente para se interessar e dar-se o tempo necessário para olhar aquilo como quem lê criteriosamente em busca de vestígios que lhe permita reconstruir a ideia de ensino que se praticara ali para, então, considerá-la ou recusá-la no que vai elaborar por si logo adiante. É um processo simples, sem segredos.

Acredito ser através desse processo que a morte ainda obscura de um homem não dará cabo da sua vida inteira. Anísio Teixeira. É assim também que o desalento de outro não poderá encobrir a grandeza da sua própria obra. Hélio Duarte. Que uma criança numa escola em São Paulo — poderia ser Siegen — não demonstre ter ideia sobre as vidas que se empenharam para assegurar o melhor ensino acessível a todos, ora isso é sabedoria e leveza, esse ideal da arquitetura, que deveríamos saber carregar conosco.